

Os males da imprensa

Não só de maus políticos vivem esta pobre Paraíba; há outra categoria cujos quadros também abrigam gente da pior espécie e tão nociva à sociedade quanto os laráprios do erário público.

São os laráprios da consciência popular, que, intitulados, equivocadamente, de jornalistas, constituem a imprensa por muitos meios. Alguns, ocupantes de emissoras de rádio, iludem a massa ignorante com a máscara do engodo. Diante do microfone, esperneiam, gritam alto, esmurram a mesa: posam como paladinos da justiça e da verdade, mas suas críticas e protestos não carregam o lastro da convicção e desmoronam-se diante de qualquer pedaço de verba pública.

Do dia para a noite, o prefeito tão criticado torna-se um santo na boca que, há pouco, lhe apedrejava. Da água ao vinho: só o dinheiro é capaz de admirável milagre.

Mas os pecados não figuram somente nas ondas do rádio; também estão diante das câmeras de TV: apresentadores tão bem trajados quanto despreparados buscam audiência a qualquer custo, a custo da desgraça alheia.

A violência é sua matéria prima: corpos mutilados e homens presos compõem sua pauta diária. Para manter a audiência, sustentáculo dos anunciantes, vão do ridículo ao trágico. E até mais odioso do que suas reportagens são os seus comentários, pontos de vista que deformam a verdade, fortalecem preconceitos e deseducam ainda mais a população, que, sem nenhuma visão crítica, passam a idolatrar esses apresentadores da barbárie.

Essas figuras gritam sem nenhuma modéstia ou pudor que são os grandes defensores da sociedade contra o mal da violência, mas, na verdade, são tão criminosos quanto os acusados que mostram. Primeiro, desrespeitam a lei ao exibir a imagem indevida de pessoas acusadas. Indevida porque o fazem sem autorização do suspeito, que, mesmo preso, tem direito à preservação de sua imagem. Mostram o rosto dos criminosos pobres, mas não têm coragem nem independência para exibir a face dos facinorosos poderosos, nossos piores delinquentes.

Mas há coisa ainda pior do que exibir imagens indevidas: são os comentários dos apresentadores. Para cativar a massa, eles recorrem a uma receita fácil e infalível: "sentam a pua" nos supostos bandidos e ganham a graça do povo; voltam sua ira contra os menores infratores, clamando cadeia para estes e propondo, com um argumento simplório, a redução da maioridade penal como meio de redução da violência. Não falam a verdade, mas falam o que o povo quer ouvir.

Ao condenar o pecador e não o pecado, eles desinformam a sociedade. É muito mais fácil "meter a madeira" em pretos, pobres e menores em condições miseráveis do que criticar o poder público, cujas omissões, ingerência e corrupção são a causa primária da violência.

Os menores para os quais os apresentadores pedem cadeia já nasceram condenados pela vida: a miséria e degradação familiar levam meninos e meninas ao destino do crime, destino ao qual qualquer um, eu ou você, estaria sujeito se tivesse nascido e crescido em um ambiente brutal, miserável e desmoralizado.

Pior do que o criminoso comum é o criminoso do erário público, porque este não rouba apenas dinheiro; rouba, principalmente, o futuro e o presente de uma nação inteira. Ao desviar os recursos públicos que iriam melhorar a vida do menino pobre e projetá-lo para o caminho do bem, os corruptos produzem uma legião de marginalizados e marginais. Mas os delinquentes engravatados, diferentemente dos pobres coitados, são privilegiados pela lei porque podem pagar bons advogados, e também protegidos pela mídia, já que controlam os maiores veículos de comunicação.

Tão lastimáveis quanto os apresentadores policiaismos são os jornalistas políticos, que, bem pagos, inclusive com verba pública, para defender interesses de grupos ou partidos políticos, transformam seus programas em comício partidário. Usam concessões públicas de rádio e TV para construir a cadeia do engodo e difundir o que é do interesse do seu grupo político-partidário.

Uma outra categoria de comunicadores, os blogueiros, nasceu recentemente, mas suas letras repetem os vícios e pecados de algumas velhas rádios e TVs. Há muita gente qualificada produzindo notícias na internet, mas há muitas figuras desonestas e sem qualquer preparo para a atividade jornalística.

Querem fazer jornalismo sentados frente a um computador na base do Cópia/Cola as coisas dos outros, sem citar, se quer, a fonte do texto, e às vezes até o adulterando criminosamente. Mas essa turma, apesar do malcaratismo, é prestigiada e recebe até votos de aplausos.

O fato é que esses maus profissionais só existem porque existem públicos para eles: enquanto a sociedade não tiver educação e consciência suficientes para conhecer o verdadeiro papel da imprensa, essa gente nunca será exterminada do nosso meio.

Espaço do Leitor

Um Sonho Perdido (parte II)

Crispim desejava muito
Sua rádio registrar
Mas precisava apoio
Dos políticos do lugar
E esses a toda hora
Estavam caindo fora
Para não lhe ajudar.

Não teve um só político
Que com a boa intenção
De ajudar a Crispim
A pagar a concessão
Da rádio que ele montou
Por isso Crispim passou
Por grande decepção.

Também os ricos da época
Não quiseram lhe ajudar
Ao invés de dar apoio
Alguns fizeram foi criticar
E com isso todo dia
Crispim tristeza sentia
Quase ao ponto de chorar.

Mesmo tristonho Crispim
Da luta não desistiu
Para registrar a rádio
Trabalhando persistiu
Com muita perseverança
Porque essa esperança
Do peito nunca saiu.

Ele ainda tentou
Dez pessoas encontrar
Pra dividir o valor
Com o qual pudesse pagar
Da rádio a concessão
Mas ninguém lhe ajudou não
Só pro seu sonho frustrar.

Sem ajuda de ninguém
E também sem ter dinheiro
A concessão da emissora
Ele perdeu bem ligeirinho
Essa perda com certeza
Lhe causou muita tristeza,
Angústia e desespero.

Com isso Crispim Pessoa
Ficou desestimulado
A rádio que ele queria
No nosso lugar amado
Não conseguiu registrar
E teve de suportar
Ver o seu sonho frustrado.

E a concessão da rádio
Pela qual Crispim lutou
Pra cidade de Conceição
Wilson Braga levou
Itaporanga é promissora
Mas não tem a emissora
Que Crispim tanto sonhou.

Crispim lutou para deixar
A rádio em nossa cidade
Mas pôrem não conseguiu
E ficou só na vontade
Com pouco tempo morreu
E o grande sonho seu
Não virou realidade.

A cidade Conceição
Sem lutar foi que ganhou
A emissora de rádio
Que na nossa não ficou
Apesar do sofrimento
Que Crispim todo momento
Para isso demonstrou.

Os amigos de Crispim
Guardam a recordação
Dos programas que ele fez
Cheios de animação
Pra toda comunidade
E hoje só a saudade
Resta em cada coração.

Aqui suspendo a caneta
Que a usei para escrever
Esta simples homenagem
Que fiz com todo prazer
Ao ilustre Crispim
Que uma saudade sem fim
Deixou pra nós ao morrer.

Poeta J. Sousa, de Itaporanga

Crônicas do Cotidiano

Sousa Neto

XIX

A tarde corria lenta e calada. Tinha a cor de fogo e um cheiro de aflição. Apostos em seus flancos, os filhos de Serrinha esperavam o inimigo nervosos e sisudos, mas o silêncio e a calmaria, que costumam preceder toda grande tragédia, foram quebrados pelos passos de uma montaria solitária.

Os homens da vanguarda foram os primeiros a notar o barulho que denunciava a aproximação, supostamente, dos cangaceiros. Dois pares de cascos firmes sobre a pedra davam a dimensão da tropa que se avizinhava: "vem somente um cavalo e inda tá a meia légua daqui", sussurrou o vaqueiro Pedão, de ouvido para o alto e olhos fechados, tática usual nas extensas caatingas quando precisava apurar as oúças para resgatar reses perdidas. Pela intensidade do som, poderia dizer, sem tubear, a distância exata do animal.

A informação segura do vaqueiro que só um cavalo aproximava-se de Serrinha nem animou nem desanimou os defensores do povoado. Os bandoleiros costumavam correr os sertões a pé, e quando tomavam cavalos ou jegues-de-besta, estes muitos mais fortes e resistentes à agruras da caatinga por serem filhos da terra, não mais do que um ou dois animais, era para transportar cangaceiros doentes ou feridos.

E quando o bando não tinha cavalos nem jumentos fortes, carregava seus inválidos em redes de punhos atravessados por estacas longas e resistentes.

É provável que viesse apenas um cavalo, mas ao redor dele, dezenas de homens silenciosos e camuflados entre o marmeleiro e o juremal secos para fugir aos olhos e ouvidos de sua presa ou predador.

Sendo qualquer que fosse o número do inimigo, os homens de Serrinha não pareciam intimidados, embora ansiosos e trêmulos. O povoado nunca havia passado por tamanha aflição, e agora estava a poucos passos da ruína ou da resistência gloriosa.

Com armas engatilhadas por dedos nervosos e uma expectativa que lhes ardia o estômago e acelerava o coração, os guardiões de Serrinha estavam em ponto de bala quando foram surpreendidos: diante de seus olhos atônitos, não um batalhão de inimigos, mas um único homem somente. No lugar da arma de fogo, o solitário viajante carregava uma viola; em vez de um punhal afiado, portava um bernal de couro recheados das mais diversas histórias.

O homem era uma figura bem conhecida do povoado: um velho repentista que costuma correr os lugarejos fazendo cantorias e vendendo folhetos de cordel. Ao cerco de tantas armas engatilhadas, o poeta apressou-se em dizer que vinha em paz.

"Meus amigo, me diga por amor de Deus: o que diabo ta se passando pur aqui? Perguntou assustado o poeta, voltando os olhos para o chefe maior do povoado.

"Seu poeta Juventino, o senhor nasceu de novo, pur pouco não tomou uma bala nos oi, e porque diabo foi aparecer logo agora, quando nois tava aqui entocado, à espera do cangaceiro Zezidão e dos seus cabra?" Esbravejou João de Zé Fulor.

"Seu João, pur amor de Deus, me perdoí, mais sob o cangaceiro Zezidão eu trago no meu borná uma novidade, que não é mais novidade pras banda donde venho: digo que o bandoleiro istá morto há quase dez ano, e poder ficar tranquilo que pur aqui ele num aparece, a não ser pur obra e graça de Nossa Senhora, que tem pudé até pra tira morto da cová", narrou o repentista para a surpresa geral.

"Que istora é essa seu Juventino?" Questionou irritado João de Zé Fulor.

Para não deixar dúvidas quanto à notícia que trazia, o poeta arrancou de dentro do bernal exemplares do folheto que narra a saga e o triste destino do cangaceiro Zezidão. Não deu para quem quis: todos correram para ler a novidade velha, mas como a leitura era um privilégio de pouquíssimos, talvez dois ou três, foi o próprio poeta quem se encarregou de narrar as últimas quatro estrofes do cordel, exatamente as que tratavam da morte do famoso bandoleiro. O povo queria saber se realmente Zezidão tinha levado fim.

... Por estes sertões afora
Não deu outro mais valente
Mas neste momento agora
Zezidão é homem augeste
Hoje é alma desencarnada
Pois morreu numa emboscada
Na serra do Sol Poente.

Vítima da traição indecente
Teve a morte como castigo
Traído, se viu impotente
Pra enfrentar o inimigo
Tombou ao lado da amante
Pelas balas da Volante
Do capitão Zé Perigo.

Por muito tempo, eu digo
Foi ele terror no sertão
Matou, roubou, deu castigo
Em fazendeiro ladrão
Mas foi o sofrer profundo
Que o jogou para o mundo
Da desordem e desilusão.

Nasceu pobre e sem condição
Sem terra para o plantio
Ninguém lhe deu uma mão
Sua vida foi desafio
Morreu puro como criança
Porque pecou por vingança
Contra a dor, a fome e o frio.

Ao ouvir o cordel de Juventino, o povo teve a certeza do mal entendido: havia armado-se para guerrear contra um inimigo há muito tempo morto. Diante da notícia impressa no folheto, os homens, mulheres e crianças de Serrinha festejaram a paz. Felizes pela boa notícia do velho repentista, glorificaram-no como um herói: deram-lhe comida, água e abrigo. Compraram-lhe todos os folhetos e encheram-lhe de todas as honrarias.

Passados a ânsia da guerra e o entusiasmo da paz, a vida foi voltando à mesmice de sempre. Em pouco tempo, todas as casas fechadas pelo medo haviam sido reabertas pela alegria. Somente a morada de Tiquinha permaneceu de portas fechadas, e estas nunca mais se abrirão. Para ela e seus filhos abriu-se uma outra porta: uma porta aberta por ela própria para um mundo que esperava ser melhor.

A boa surpresa entrou silenciosa e devagar pela porta da cozinha e pela porta da cozinha saíram todos juntos e de mãos dadas pelo caminho rumo a uma vida que poderia ser feliz. Mesmo tão surpresa, Tiquinha não pensou duas vezes, aliás, nem pensou. Já aguardava aquilo dentro do seu íntimo: era uma oportunidade que não poderia ser jogada de porta a fora. As coisas não poderiam ficar piores e foi pelo desejo impetuoso de dias menos ruins ou plenamente felizes que atendeu às batidas suaves da porta e às pancadas fortíssimas do seu coração.

Fim.

Mensagem da Dra Lolosa

De repente, num instante fugaz, os fogos de artifício anunciam que o ano novo está presente e o ano velho ficou para trás. De repente, num instante fugaz, as taças de champagne se cruzam e o vinho francês borbulhante anuncia que o ano velho se foi e ano novo chegou. De repente, os olhos se cruzam, as mãos se entrelaçam e os seres humanos, num abraço caloroso, num só pensamento, exprimem um só desejo e uma só aspiração: PAZ E AMOR. De repente, não importa a nação, não importa a língua, não importa a cor, não importa a origem, porque todos são humanos e descendentes de um só Pai, os homens lembram-se apenas de um só verbo: AMAR. De repente, sem mágoa, sem rancor, sem ódio, os homens cantam uma só canção, um só hino, o hino da liberdade. De repente, os homens esquecem o passado, lembram-se do futuro venturoso, de como é bom viver. Muita saúde, paz e felicidade.

São os votos da advogada **Lolosa Figueiredo** a todos os seus constituintes, familiares e amigos de Itaporanga e região.

Vende-se uma câmera

Vende-se uma câmera Tec Pix nova e ainda na caixa com todos os acessórios por R\$ 200,00. Os interessados podem entrar em contato através do celular 9968-7996.

Empresa Jornalística FOLHA DO VALE LTDA

Av. Dep. Soares Madruga, s/n, Centro, Itaporanga-PB
Tel/fax: (0**83) 3451-2774 - CNPJ: 04.535.908/0001-50.
E-mail: folhadovali@yahoo.com.br
Editores: Antônio Bandeira e Sousa Neto



Bastidores

Isaías Teixeira isaías_teixeira10@hotmail.com

IBGE divulga PIB dos municípios

O ano de 2009 termina com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgando, no dia 16 de dezembro, os mais recentes estudos do Produto Interno Bruto (PIB) e do PIB per capita de todos os municípios brasileiros referentes ao ano de 2007.

Com base nos números divulgados pelo IBGE, o Instituto de Desenvolvimento Municipal e Estadual da Paraíba (Ideme) avalia que o PIB do Estado desacelerou no ano de 2007. Enquanto que o PIB paraibano de 2006 teve um crescimento de 6,7% em relação ao ano de 2005, o PIB de 2007 apresentou um crescimento de apenas 2,2% em relação ao ano de 2006. Em razão disso, a soma de todas as riquezas produzidas na Paraíba chegou a 22,2 bilhões de reais, e a economia estadual terminou 2007 na 19ª posição entre todos os estados brasileiros.

João Pessoa e Campina Grande eram donas dos maiores PIBs do Estado em 2007. A capital tinha um PIB de R\$ 6,7 bilhões e PIB per capita de R\$ 10,01 mil, enquanto que Campina tinha um PIB de R\$ 3,09 bilhões e PIB per capita de R\$ 8,3 mil. Já Cabedelo, Santa Rita e Bayeux, três municípios da Grande João Pessoa, tinham, respectivamente, o terceiro, quarto e quinto PIBs da Paraíba. Cabedelo tinha um PIB de R\$ 1,6 bilhão e PIB per capita de R\$ 33,5 mil, o maior do Estado. Santa Rita tinha um PIB de 832,8 milhões e PIB per capita de R\$ 6,8 mil; e Bayeux tinha PIB de R\$ 498,8 milhões e PIB per capita de R\$ 5,7 mil.

No Sertão, as maiores cidades também possuíam os maiores PIBs em 2007: Patos (PIB de R\$ 461,05 milhões e PIB per capita de R\$ 4,7 mil); Cajazeiras (PIB de R\$ 369,5 milhões e PIB per capita de R\$ 6,5 mil); e Sousa (PIB 333 milhões e PIB per capita de 5,2 mil).

No Vale do Piancó, com exceção de Boa Ventura, Ibiara, Santana dos Garrotes e Santa Inês, todos os demais municípios regionais apresentaram crescimento no seu Produto Interno Bruto de 2006 a 2007, ou seja, durante o período de um ano. Os municípios com maiores PIBs continuaram sendo Itaporanga, Conceição, Piancó e Coremas. Eles também foram os que mais cresceram em um ano. Em 2006, Itaporanga tinha PIB de R\$ 75,7 milhões e aumentou para R\$ 81,8 milhões em 2007. Já o PIB de Conceição passou de R\$ 52,6 milhões para R\$ 56,9 milhões no mesmo período. Em seguida aparece Piancó, que aumentou seu PIB de R\$ 49,9 milhões em 2006 para R\$ 56,7 milhões em 2007. E depois vem Coremas, o quarto município de maior PIB regional, que subiu de R\$ 38,8 milhões em 2006 para R\$ 42,3 milhões em 2007.

O PIB dos outros municípios regionais

Olho D'água (tinha PIB de R\$ 19,9 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 21,7 milhões em 2007); **Santana dos Garrotes** (tinha PIB de R\$ 22,2 milhões em 2006 e caiu para R\$ 21,2 milhões em 2007); **Diamante** (tinha PIB de R\$ 20,3 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 20,4 milhões em 2007); **Igaracy** (tinha PIB de R\$ 18,9 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 19,2 milhões em 2007); **Nova Olinda** (tinha PIB de R\$ 17,6 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 18,2 milhões em 2007); **Ibiara** (tinha PIB de R\$ 18,5 milhões em 2006 e caiu para R\$ 18,1 milhões em 2007).

O ranking dos maiores PIBs do Vale em 2007 segue com **São José de Caiana** (tinha PIB de R\$ 16,8 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 17,1 milhões em 2007); **Aguiar** (tinha PIB de R\$ 15,1 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 17,04 milhões); **Boa Ventura** (tinha PIB de R\$ 18,4 milhões em 2006 e caiu para R\$ 17,04 milhões); **Catingueira** (tinha PIB de R\$ 15,8 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 16,8 milhões em 2007); **Santana de Mangueira** (tinha PIB de R\$ 15,8 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 16,03 milhões em 2007); **Emas** (tinha PIB de R\$ 10,8 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 12,1 milhões em 2007); **Pedra Branca** (tinha PIB de R\$ 11,7 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 11,8 milhões em 2007); **Santa Inês** (tinha PIB de R\$ 10,9 milhões em 2006 e caiu para R\$ 10,7 milhões em 2007); **Serra Grande** (tinha PIB de R\$ 8,9 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 9,1 milhões em 2007); e **Curral Velho** (tinha PIB de R\$ 7,3 milhões em 2006 e aumentou para R\$ 7,7 milhões em 2007);

PIB per capita

A maior renda per capita regional em 2007 pertenceu a **Emas**. Cada habitante do município ganhou em média R\$ 3,6 mil em 2006, e essa renda subiu para R\$ 3,7 mil no ano seguinte. **Itaporanga**, que tinha R\$ 3,4 mil de PIB per capita em 2006, subiu para R\$ 3,6 mil em 2007, e era o segundo da região. A terceira maior renda per capita do Vale em 2007 pertenceu a **Piancó**. O município tinha renda de R\$ 3,55 mil em 2006 e subiu para R\$ 3,57 mil em 2007. Já **Catingueira**, com R\$ 3,4 mil, era dona do quarto PIB per capita regional. Mas em 2006 a renda per capita dos catingueirenses eram maior: R\$ 3,6 mil.

O PIB per capita dos outros municípios do Vale: **Conceição** (tinha renda per capita de R\$ 3,09 mil em 2006 e subiu para R\$ 3,2 mil em 2007); **Diamante** (tinha renda per capita de R\$ 3 mil e subiu para R\$ 3,1 mil); **Igaracy** (tinha renda per capita de R\$ 2,8 mil e subiu para R\$ 3,03 mil); **Serra Grande** (tinha renda per capita de R\$ 2,9 mil e subiu para R\$ 3,02 mil); **Olho D'água** (tinha renda per capita de R\$ 2,8 mil e subiu para R\$ 2,9 mil); **Santana dos Garrotes** (tinha renda per capita de R\$ 2,8 mil e caiu para R\$ 2,7 mil); **Nova Olinda** (tinha renda per capita de R\$ 2,6 mil e subiu para R\$ 2,9 mil); **Ibiara** (tinha renda per capita de R\$ 2,97 mil e caiu para R\$ 2,95 mil); **São José de Caiana** (tinha renda per capita de R\$ 2,7 mil e subiu para R\$ 2,8 mil).

O PIB per capita regional referente ao ano de 2007 segue com **Aguiar** (tinha renda per capita de R\$ 3,4 mil e caiu para R\$ 3,027 mil); **Boa Ventura** (tinha renda per capita de R\$ 2,6 mil e subiu para R\$ 2,9 mil); **Santana de Mangueira** (tinha renda per capita de R\$ 3,02 mil e caiu para R\$ 2,8 mil); **Pedra Branca** (tinha renda per capita de R\$ 3,10 mil e subiu para R\$ 3,17 mil); **Coremas** (tinha renda per capita de R\$ 2,4 mil e subiu para R\$ 2,7 mil); **Santa Inês** (tinha renda per capita de R\$ 3,4 mil e caiu para R\$ 2,8 mil); e **Curral Velho** (tinha renda per capita de R\$ 2,86 mil e caiu para R\$ 2,8 mil).

Conclusões

Com base nos dados do IBGE, verifica-se que o ano de 2007 registrou grande concentração de renda no Vale do Piancó. Os municípios de Itaporanga, Conceição, Piancó e Coremas eram responsáveis por 48,3% (R\$ 237,7 milhões) de todas as riquezas produzidas pelos demais dezesseis municípios vale-piancoenses (R\$ 254,21 milhões). Isso quer dizer que houve um aumento de 1,8% nessa diferença, no período de um ano, entre as riquezas produzidas por esses quatro maiores municípios da região e os outros dezesseis, já que em 2006 a diferença era de 46,5%.

Em 2006, o Vale teve um PIB de R\$ 465,9 milhões, enquanto que um ano depois, em 2007, a região teve um PIB de R\$ 491,91 milhões. Significa afirmar que a região cresceu 5,2% (R\$ 26,01 milhões). Esse crescimento foi o dobro do verificado pelo Estado, que cresceu apenas 2,2% de 2006 a 2007.

Em 2007, o PIB total do Vale foi de R\$ 491,91 milhões, representando apenas 2,2% do PIB da Paraíba, que foi de R\$ 22,2 bilhões. O PIB do Vale em 2007 representava 42,27% das riquezas produzidas conjuntamente pelas cidades de Patos, Cajazeiras e Sousa, as três maiores do Sertão paraibano.

O PIB dos municípios de 2007 é um importante mapa das riquezas produzidas pelo país e, em cima dele, os governos devem procurar descentralizar os investimentos públicos a fim de diminuir as desigualdades existentes entre municípios, estados e regiões.

Refletindo

Feliz 2010 a todos os vale-piancoenses, especialmente aos que contribuíram este ano com nosso trabalho na Folha, como os assinantes e internautas, que puderam externar seus pensamentos neste espaço com opiniões lúcidas e voltadas aos interesses da coletividade. No próximo ano estaremos procurando fazer um jornalismo cada vez mais antenado aos interesses de um Vale mais progressista em todos os aspectos. Em 2010 a nossa luta vai continuar.